

As Recepções de Isaac e de Jesus no Contexto Religioso Popular Judaico e Cristão.

André Leonardo Chevitarese

Universidade Federal do Rio de Janeiro

<http://lattes.cnpq.br/8607821911525405>

### Resumo

Este artigo explora o tema do sacrifício de Isaac como produto de exegese historicizada em contexto religioso popular judaico e cristão. A partir do uso da documentação antiga e representações iconográficas o artigo visa reforçar as seguintes idéias: (a) é de responsabilidade dos estudiosos (em qualquer época histórica, na medida em que dominam a escrita) a pesquisa sobre as escrituras bíblicas; (b) as pessoas comuns (sejam elas judias e / ou cristãs) e os estudiosos, na medida em que estão sempre em contato, produzem uma historicização da exegese que lhes faz sentido; e, por fim, (c) a historicização do passado é sempre a atualização do tempo presente.

### Palavras-chaves

Isaac – Jesus – Exegese historicizada – Judaísmo – Cristianismo – Religião Popular.

### Abstract

This article explores the theme of the sacrifice of Isaac as a product of historicized exegesis in popular Jewish and Christian religious context. From the use of old documents and iconographic representations the article seeks to strengthen the following ideas: (a) it is the responsibility of scholars (in any historical era, since they dominate the writing) to research on the biblical scriptures, (b) ordinary people (both Jewish and / or Christian) and the scholars since they are always in contact, producing a historicizing exegesis that makes sense, and, finally, (c) the historicizing of the past is always the update the present time.

### Keywords

Isaac - Jesus - historicized exegesis - Judaism - Christianity - Religion of the People.

[...] pesquisar as escrituras era prerrogativa de estudiosos ilustrados [...].  
Para os crentes comuns alguém tinha que historicizar, atualizar e popularizar a exegese em história [...].  
[...] a historicização do passado sempre significou a atualização para o presente [...].  
(Crossan, 1995: 129, 132)

I. Gostaria de tornar ainda mais explícita as idéias de Crossan citadas na epígrafe deste trabalho:

(a) é de responsabilidade dos estudiosos (eu diria, em qualquer época histórica, na medida em que dominam a escrita) a pesquisa sobre as escrituras bíblicas;

(b) as pessoas comuns (sejam elas judias e / ou cristãs) dependem sempre da historicização da exegese, de modo que esta última possa lhes fazer sentido; e, por fim,

(c) a historicização do passado é sempre a atualização do tempo presente.

Apesar de as suas idéias sugerirem ótimos desdobramentos de análise para este trabalho, eu proporia uma mudança no item b, particularmente quanto ao emprego do verbo depender. Ele me parece não apenas hierarquizar demais a relação erudito / popular, impondo uma decisão de cima para baixo, como também a engessa, de tal forma, que já não é possível conceber qualquer possibilidade de troca entre as partes do binômio, algo do tipo, uma via de mão dupla. Por estes motivos é que eu proponho uma mudança, de modo que a relação erudito / popular seja mais fluida possível. Neste sentido, ao retornar às idéias propostas por Crossan, eu as apresentaria nestes termos:

(a) é de responsabilidade dos estudiosos (eu diria, em qualquer época histórica, na medida em que dominam a escrita) a pesquisa sobre as escrituras bíblicas;

(b) as pessoas comuns (sejam elas judias e / ou cristãs) e os estudiosos, na medida em que estão sempre em contato, produzem uma historicização da exegese que lhes faz sentido; e, por fim,

(c) a historicização do passado é sempre a atualização do tempo presente.

Com essas alterações processadas, eu diria que estas novas idéias definem o norte deste trabalho, na medida em que elas determinam como será lida a documentação imagética e textual<sup>1</sup>. Parte-se aqui do pressuposto de que esta documentação:

(a) foi encomendada, no caso da narrativa imagética, e produzida, no caso da narrativa textual, por estudiosos das escrituras bíblicas;

(b) sistematizou como os crentes comuns e os estudiosos do século I EC em diante passaram a historiar o sacrifício de Isaac, e;

(c) ao historiar o referido sacrifício, atualizou-o em função do seu tempo presente.

II. A fim de demonstrar estes argumentos, lança-se mão do método comparativo. Pelo seu emprego, é possível identificar, nos referidos textos judaicos, quais os elementos da narrativa do sacrifício de Isaac que:

(a) permaneceram como núcleo central;

(b) foram descartados, e;

(c) foram agregados como novos naquelas três narrativas literárias.

---

<sup>1</sup> Especificamente as obras: Quarto Livro de Macabeus (daqui para frente = 4Mac); Antiguidades Judaicas (daqui para frente = AJ), de Josefo; e As Antiguidades Bíblicas (daqui para frente = AB), de Pseudo-Fílon.

Apesar de estes dois últimos aspectos serem centrais no que se quer aqui demonstrar, considera-se que a identificação dos novos elementos agregados ao núcleo central da história do sacrifício de Isaac é chave para se estabelecer o ponto de contato entre as referidas narrativas literárias e as tradições religiosas populares<sup>2</sup> judaicas no século I EC.

III. O livro de Gênesis<sup>3</sup> (22:1-19) oferece a narrativa mais antiga sobre o sacrifício de Isaac. É possível organiza-la em oito tópicos centrais:

- (a) Abraão tem um único filho, Isaac (**Gn** 22:2,12,16);
- (b) Ele ouve de Deus “Toma teu filho [...] e vai à terra das elevações”. Abraão obedece e leva consigo Isaac, além de dois de seus servos (**Gn** 22:2-3);
- (c) Ao chegar lá, ele diz aos seus dois servos para permanecerem com o jumento ali. Ele e o seu filho iriam até o lugar do alto indicado, adorariam (o Senhor) e voltariam até onde eles estavam (**Gn** 22:5);
- (d) Abraão tomou a lenha para o holocausto e a colocou sobre o seu filho, tendo ele mesmo levado o fogo e o cutelo<sup>4</sup> (**Gn** 22:6);
- (e) Isaac, neste momento, lhe diz “Meu Pai” (**Gn** 22:7);
- (f) Abraão amarra-o e o leva para junto do altar (**Gn** 22:9);
- (g) Um anjo lhe chama e lhe pede para não levantar a mão contra o menino (**Gn** 22:11-12);
- (h) Após oferecer um carneiro em holocausto (**Gn** 22:13), Abraão volta para junto dos seus dois servos (**Gn** 22:19). Convém observar: nada é dito sobre o retorno de Isaac.

IV. Ao comparar os oito tópicos de **Gn** com cada um dos três autores judeus do século I EC, é possível verificar a forma como se processa a historicização da exegese, que atualiza o passado sempre em função do tempo presente do autor.

4.1. **4Mac** pode ser datado da primeira metade do século I EC, entre os anos 20-54 (Metzger, 1977: 309; Anderson 1985, 2: 534). O autor, cujo nome se desconhece, oferece poucas, mas significativas referências ao sacrifício de Isaac,

<sup>2</sup> Utiliza-se aqui, por “popular”, uma definição por mim alterada de um pensamento desenvolvido por Crossan (1995:181), qual seja: considera-se popular tudo aquilo que foi composto pelos estudiosos a partir dos próprios elementos que já se encontravam presentes no seio das suas respectivas comunidades. Porque tais composições lançaram mão de idéias já conhecidas, elas foram reconhecidas e, portanto, consumidas pelos crentes judeus e / ou cristãos.

<sup>3</sup> De agora em diante = **Gn**.

<sup>4</sup> Conforme Robert (1981: 14, nota 24) observou, o emprego deste substantivo feminino (mákhairan → mákhaira) está diretamente relacionado a um termo técnico, utilizado para definir um instrumento de sacrifício.

onde algumas delas mostram-se dependentes do texto de **Gn** (22:1-19). Elas podem ser agrupadas em cinco tópicos básicos:

(a) Eleazar aceita morrer por razão semelhante àquela de Isaac [...] (**4Mac** 7:14).

(b) Abraão, Isaac e Jacó não morreram para Deus, mas vivem em Deus (**4Mac** 7:19).

(c) Lembrem-se de onde vocês vieram, e do pai por cuja mão Isaac teria se submetido para ser morto por causa da religião (**4Mac** 13:12).

(d) Por sua procura também nosso pai Abraão foi zeloso para sacrificar seu filho Isaac, o ancestral de nossa nação; e quando Isaac viu a mão de seu pai empunhando uma espada e descendo sobre ele, ele não se encolheu (**4Mac** 16:20).

(e) [...] e Isaac que foi oferecido como um sacrifício [...] (**4Mac** 18:11).

Cada um dos cinco tópicos está associado à imagem do mártir judeu. A começar pelo **item a**, vê-se que Eleazar, que foi martirizado diante de Antíoco IV Epífanês (**4Mac** 5:4-5), está diretamente ligado à figura de Isaac. A seguir, o **item b**, onde o martírio, quando associado à defesa da religião, não significa morte no seu sentido absoluto, mas imortalidade (**4Mac** 9:22; cf. tb. **2Mac** 7:36) e / ou esperança da ressurreição para o mártir (**2Mac** 7:9,11,14). Já os **itens c-e** estabelecem o modelo de mártir a ser seguido, com Isaac tendo um papel de proeminência aí. Ele é a referência para todo aquele judeu perseguido, preso, torturado e morto por causa da sua religião.

A menção de que dados referentes a Isaac, no **4Mac**, trazem indícios de dependência ao livro de **Gn**, refere-se especialmente à ligação feita pelo autor de Abraão levando o seu filho para ser sacrificado. O emprego do verbo “levar” deve aqui ser feito entre aspas, já que, conforme assinalado no **item d**, Isaac se mostrou bastante confiante diante do seu próprio sacrifício. Tal confiança se deveu ao fato de ele crer que o Deus de Israel é, por excelência, o Deus da justiça. Portanto, Isaac esperava que Ele o vindicasse, salvando-o da morte e lhe concedendo a salvação eterna.

Constata-se, deste modo, que a narrativa de **4Mac** dialoga intensamente com aqueles três argumentos apontados no início do trabalho, implica dizer:

1º. Não há como negar que o autor do livro de **4Mac** conhece as escrituras judaicas;

2º. Torna-se bastante clara a sua intenção em historicizar o sacrifício de Isaac. Esta historicização não deve ser atribuída como sendo uma criação sua, mas, preferencialmente, como o resultado de um diálogo entre ele e a sua comunidade.

Bem entendido: a leitura que ele propôs já circulava por entre os membros da sua comunidade judaica. De outro modo, ficaria difícil de entender, quiçá, até mesmo de aceitar, enquanto modelo explicativo, que os judeus comuns, inseridos na mesma comunidade do autor de **4Mac**, só souberam que Isaac serviria como modelo de mártir, depois que o próprio autor e / ou alguém, que leu a referida obra, lhes contou;

3º. Que essa historicização é, na verdade, a própria atualização do seu tempo presente.

Sobre este último aspecto, convém destacar: (a) apesar de não haver qualquer indício no texto de que Isaac não fosse uma criança, ele não foi lido como alguém completamente indefeso e sem consciência do que estava ocorrendo ao seu redor. Muito pelo contrário, Isaac mostrava-se ciente de tudo; (b) E por entender exatamente o que estava acontecendo, ele mostra bastante coragem diante da morte. Não há como negar, de acordo com os próprios dados da narrativa, de que ele age como um verdadeiro mártir que não teme a morte; como uma referência a ser seguida, na medida em que deposita toda a sua esperança em Deus.

4.2. **AJ** pode ser datada da última década do século I EC, entre os anos 93-94 (Meier, 1992: 64). Dos três autores analisados, Josefo é aquele que oferece a mais extensa narrativa, recheada de detalhes acerca de Gn (22:1-19). Os seus principais tópicos são:

(a) Após a expulsão de Hagar e Ismael (**AJ** 1.12:3-4 (1:215-221)), Isaac tornou-se o filho único de Abraão (**AJ** 1.13:1 (1:222)).

(b) Deus pede a Abraão que o seu amado filho Isaac lhe seja dado em sacrifício no monte Moriá (**AJ** 1.13:1 (1:223-224)).

(c) Abraão tomou Isaac e mais dois servos e tendo carregado um jumento com os requisitos para o sacrifício partiu para a montanha (**AJ** 1.13:2 (1:225)). Ao chegar próximo ao monte, ele deixou os seus dois servos e foi sozinho com seu filho para o monte onde o rei Davi posteriormente erigiu o templo (**AJ** 1.13:2 (1:226)).

(d) Eles levaram tudo o que era necessário para um sacrifício, exceto a vítima (**AJ** 1.13:2 (1:227)). Isaac, que tinha vinte e cinco anos de idade, enquanto estava construindo o altar, perguntou a Abraão que sacrifício eles iriam oferecer, já que não havia nenhuma vítima ali com eles. Abraão lhe respondeu que Deus lhes providenciariam (**AJ** 1.13:2 (1:227)).

(e) Quando o altar ficou pronto e a lenha foi colocada sobre ele, Abraão diz a Isaac que ele é a oferenda a ser sacrificada a Deus (**AJ** 1.13:3 (1:228-231)).

(f) Isaac, após o seu pai ter lhe dito isso, ficou alegre. Ele lhe disse que era melhor ele nunca ter nascido, caso tivesse que rejeitar aquela decisão de Deus e a de seu pai. E tendo dito essas palavras, ele se precipitou para o altar, para a sua imolação (**AJ** 1.13:4 (1:232)).

(g) E o sacrifício teria se realizado, caso Deus não tivesse se colocado no caminho, porque ele o chamou Abraão pelo nome, proibindo-lhe de imolar o menino (**AJ** 1.13:4 (1:233)).

(h) Deus trouxe da obscuridade um carneiro para que Abraão e Isaac pudessem vê-lo e sacrificá-lo. Após tê-lo oferecido em holocausto, ambos retornam para casa (**AJ** 1.13:4 (1:236)).

Algumas observações podem ser estabelecidas, quando se comparam as narrativas de **Gn** e de **AJ**.

De imediato, **Gn** 22.2 fala de uma das montanhas, sem nomear o sítio como sendo Moriá. Por outro lado, dos tópicos desenvolvidos por Josefo, os **itens b-c** não apenas nomeiam uma dessas montanhas como sendo Moriá, como também diz que foi nela que o rei Davi erigiu o templo de Jerusalém. Verifica-se claramente, conforme chamou atenção Thackeray (1991: 110-111, nota a, 1991: 113, nota a), do uso da narrativa de **2Cro** 3:1 por Josefo, pois é ali que é mencionado que o monte Moriá foi o sítio escolhido por Salomão, ao invés de Davi, conforme o referido historiador menciona, para a edificação do templo de Jerusalém.

A seguir, o **item d** oferece um dado radicalmente novo, qual seja: Josefo diz que Isaac tinha 25 anos de idade no momento em que seu pai o levou para ser sacrificado a Deus. Esta informação não é mencionada em qualquer livro bíblico, muito menos na narrativa de **Gn**, onde Isaac é apresentado como uma criança (Thackeray, 1991: 113, nota b).

Depois, os **itens e-f** falam da alegria de Isaac, ao ser informado por seu pai que ele seria a própria oferenda a Deus. Ao ouvir tais palavras, ele prontamente se lançou para o altar, feliz por ser imolado ao Deus que ele tanto amava (**AJ** 1.13:1 (1:222)). Uma vez mais, essas informações não estão presentes na narrativa de **Gn**. Ao contrário, lemos que Isaac é amarrado e levado para junto do altar. Ele aparece completamente como um agente passivo em toda a ação (**Gn** 22:9).

Por fim, os **itens g-h** falam da intervenção direta de Deus impedindo que o sacrifício de Isaac seja consumado. Não há em Josefo, conforme aparece em **Gn** (22:11-12), a intervenção de um anjo. Agora, o que se vê é Deus agindo. É ele, inclusive, quem faz surgir um carneiro para ser sacrificado no lugar de Isaac. Após o sacrifício, Josefo não deixa margem para dúvida: pai e filho retornam para casa.

Verifica-se uma vez mais, tal como ocorreu com o **4Mac**, que a narrativa do sacrifício de Isaac na **AJ** é passível de ser lida a partir daqueles três argumentos apresentados por Crossan, quais sejam:

1º. Inegavelmente Josefo é um estudioso das escrituras judaicas;

2º. É clara a sua intenção em historicizar o sacrifício de Isaac. Conforme já foi salientado, porém, esta historicização não deve ser atribuída como sendo uma criação de Josefo, mas como o resultado de um conhecimento compartilhado por ele e a comunidade judaica na qual ele estava inserido, e;

3º. A historicização que ele propõe é visivelmente a própria atualização do seu tempo presente.

Sobre este último aspecto, convém destacar: (a) o local onde ocorreu o sacrifício de Isaac deixa de ser visto como um lugar desconhecido, e passa a ser identificado por Josefo como sendo Moriá, o monte onde foi erigido o templo de Jerusalém, destruído duas décadas atrás por causa da guerra judaico-romana. Portanto, não se trata de um templo qualquer, mas aquele por excelência onde Deus se fez presente e prometeu que Isaac alcançaria uma idade bastante avançada, repleta de felicidade. Que a sua descendência semearia uma multidão de nações, com muita riqueza, nações cujos fundadores teriam uma lembrança perpétua de que eles conquistaram Canaã pelos seus exércitos e que seriam invejados por todos os homens; (b) Isaac não era uma criança completamente indefesa e sem consciência do que estava ocorrendo. Ao contrário, ele era um homem maduro que respeitava muito o seu pai e amava profundamente a Deus; (c) E por entender exatamente o que está acontecendo ao seu redor, ele se mostra feliz por saber que ele próprio é a vítima sacrificial a ser oferecida a Deus. Ele age como um verdadeiro mártir que não teme a morte, por que deposita toda a sua esperança em Deus.

4.3. A obra **AB** situa-se no período posterior à destruição de Jerusalém por Tito, sendo, portanto, datada entre a década de setenta e o final do século I EC (James, 1917: 29-33)<sup>5</sup>. Ela acaba se tornando contemporânea àquela de Josefo. **AB** traz breves referências ao sacrifício de Isaac, o que demonstra que Pseudo-Fílon conhecia o texto de **Gn**. Estes dados podem ser reunidos nos seguintes tópicos:

(a) Isaac é filho de Abraão com Sara (**AB** 8:3);

---

<sup>5</sup> James (1917: 33, nota 1) até admite a possibilidade de uma datação posterior, muito embora não seja aquela que ele prioritariamente adotaria. Esta datação iria um pouco mais além do término da revolta judaica de 135 EC.

(b) Deus requereu de Abraão o seu filho como uma oferenda. Abraão, atendendo-Lhe, trouxe Isaac e o colocou sobre o altar. Deus, porém, o restaurou ao seu pai (**AB** 28:5);

(c) Mesmo já estando numa idade bastante avançada, Deus deu a Abraão um filho. Ele, posteriormente, pediu a Abraão que matasse o fruto do seu ventre e o Lhe oferece. Abraão fez imediatamente o que Deus havia lhe ordenado. Antes, porém, conversou com Isaac e este lhe disse: “Não tenho eu vindo ao mundo para ser oferecido como um sacrifício para aquele que me fez?” Abraão, tendo-o oferecido sobre o altar, Isaac estava com os pés amarrados, no momento em que iria matá-lo, ouviu a voz de Deus vinda do alto: “Não mate seu filho, nem destrua o fruto do teu corpo” (**AB** 32:2-4);

(d) Abraão levou seu filho para ser sacrificado. Isaac, ciente do que estava acontecendo, mostrou-se alegre (**AB** 40:2).

Com relação aos quatro tópicos, algumas observações podem ser apontadas.

De imediato, os **itens a-b** acompanham de perto dois dados oferecidos por **Gn**: Isaac é filho de Abraão e Sara (**Gn** 22:2,12,16); e Deus pede a Abraão que sacrifique o seu filho (**Gn** 22:2-3). Os dois tópicos posteriores, isto é, os **itens c-d**, lembram a satisfação de Isaac ao saber que ele é o objeto a ser oferecido a Deus. De fato, estes dois últimos itens não aparecem na narrativa de **Gn**. O **item c** fala da intervenção direta de Deus impedindo que Abraão consumasse o sacrifício do seu único filho, tal como ocorre na narrativa de Josefo. Como em **4Mac** e em **AJ**, também no texto de Pseudo-Fílon, não há, tal como aparece em **Gn**, a intervenção de um anjo.

Constata-se, deste modo, o quanto a narrativa de **AB** dialoga com aqueles três argumentos enfatizados logo na abertura do trabalho:

1º. Não há como negar que o autor conhece as escrituras judaicas;

2º. Uma vez mais, esta historicização não deve ser atribuída como sendo uma criação de Pseudo-Fílon, mas como o resultado de um conhecimento que já se encontrava disseminado no seio da sua comunidade, e;

3º. Que essa historicização é, na verdade, a própria atualização do seu tempo presente.

Sobre este último aspecto, convém destacar: (a) apesar de a narrativa conter a informação de que os pés de Isaac estavam amarrados (**AB** 32:4), ele estava ciente de tudo; (b) A sua alegria diante da morte é, mas do que demonstração de coragem, a sua total confiança em Deus. Não há como negar, ele age como um verdadeiro mártir que não teme a morte.



Este último aspecto pode ser demonstrado com dois bons exemplos oferecidos pelo próprio Pseudo-Fílon: 1º. Isaac diz que veio ao mundo para ser oferecido para aquele que o fez (**AB** 32:3); e 2º. Ele se mostra feliz com o fato de ser sacrificado pelo seu pai a mando de Deus (**AB** 40:2).

Constata-se, assim, que os trabalhos dos três autores apresentam dois eixos temáticos comuns: o martírio e a figura de Isaac como modelos, por excelência, de mártir para os judeus do século I EC.

Deve-se considera que estes dois eixos temáticos se fazem presentes em autores:

- (a) que viveram em regiões diferentes do Mediterrâneo;
- (b) que nunca se viram;
- (c) que não mostram qualquer sinal de conhecimento à obra dos demais

Logo, parece correto o argumento de que a historicização exegética é mais o resultado do diálogo do que de dependência entre estudiosos e crentes comuns.

Ao mesmo tempo, estes dois eixos temáticos comuns, presentes em três diferentes autores, só podem ser explicados por acontecimentos históricos que tenham tido um impacto significativo junto às mais diferentes comunidades judaicas. Quando se pensa no século I EC, não me parece difícil dizer quais seriam eles. Eu os identificaria como sendo:

- (1) A ação de Calígula (seguida imediatamente de resistência judaica) de querer instalar a sua estátua no interior do templo de Jerusalém;
- (2) A guerra judaico-romana, culminando com a destruição de Jerusalém.

Ambos os acontecimentos estão associados ao desenvolvimento da idéia de martírio e da figura de Isaac como modelo do perfeito mártir judeu.

V. Para Brown (1994, 2: 1440, 1437-1439), estes pontos da narrativa e da teologia de Isaac oferecem muitas semelhanças, tendo possivelmente influenciado a história de Jesus.

De fato, o autor tem razão neste seu argumento. Admitindo que no século I EC as fronteiras entre judeus e cristãos eram fluidas, e que nem sempre é fácil estabelecer com precisão quem é quem neste jogo, tanto comunidades judaicas, quanto cristãs estavam sob a influência do mesmo processo de historicização exegética, bem como buscavam constantemente atualizar o passado em função do tempo presente.

Ao considerar a leitura proposta por dois autores cristãos<sup>6</sup> do século I EC, verifica-se que também eles estavam compartilhando de argumentos muito parecidos àqueles propostos por **4Mac**, **AJ** e **AB**.

Clemente, na sua **Primeira Carta aos Coríntios** (31:3), faz uma leitura mais ampliada de Gn 22. Ele reporta que:

“Isaac, com confiança, sabedor do futuro, foi alegremente levado como um holocausto”.

Já na **Carta aos Hebreus** (11:19), o seu autor faz Abraão dizer:

“Deus é capaz também de ressuscitar os mortos. Por isso, numa espécie de parábola, reencontrou o seu filho”.

Estas duas passagens demonstram que nas comunidades cristãs do século I, o processo de historicização exegética, com maior ênfase na figura de Isaac como modelo de mártir, também se fazia presente. No entanto, conforme o referido passo de Hebreus sugere, ele parece marcar um momento de transição na forma de se fazer a historicização da exegese cristã, com o claro objetivo de se estabelecer um paralelo mais direto entre o sacrifício de Isaac, oferecido no altar, e a auto-doação de Jesus, morto na cruz. Por motivos óbvios, é claro, esta leitura não irá aparecer em qualquer autor judeu. Torna-se evidente, assim, que aqueles três pressupostos enunciados na abertura deste texto, também se aplicam aqui, com interessantes distinções na forma de se processar a historicização da exegese do sacrifício de Isaac:

1º. Não há como negar que os autores cristãos conhecem as escrituras judaicas, que eles reconhecem também como suas, em especial a narrativa do sacrifício de Isaac em **Gn**;

2º. É possível identificar, entre os autores cristãos, na virada do século I para o século II, três estágios diferentes na forma de se historicizar o sacrifício de Isaac. Em **1Cle**, Isaac é ainda lido como modelo de mártir; em **Hb**, o sacrifício de Isaac vai associado ao tema da ressurreição, com Deus vindicando o seu filho; já no século II, como será visto a seguir, o sacrifício de Isaac, que apesar de continuar sendo lido com toda a importância, cederá lugar ao verdadeiro e completo holocausto oferecido a Deus, isto é, o sacrifício de Jesus na cruz. Convém reforçar mais uma vez aqui: cada uma destas leituras reforça um intenso diálogo entre autor e comunidade. De outro modo, fica difícil de se compreender que os

---

<sup>6</sup> A Primeira Epístola de Clemente é normalmente datada do final do século I, particularmente entre 96 e 97. A Epístola aos Hebreus também está situada no último quartel do século I. Contudo, ela é anterior à referida carta de Clemente, já que esta última a cita em dois momentos (17:1,36:2-5). Para a datação de ambos os documentos, ver: Koester, 1987: 272, 288.

cristãos comuns só souberam dos paralelos entre Isaac e Jesus, quando o próprio autor e / ou alguém, que leu a referida obra, lhes contou!

3º. Que essa historicização é, na verdade, a própria atualização do seu tempo presente.

A **Epístola de Barnabé**, comumente datada<sup>7</sup> da segunda metade da década de 30 do século II, caracteriza aquele último e decisivo estágio do processo de historicização da exegese. Conforme o seu autor observa (7:3), o sacrifício de Isaac, oferecido sobre o altar, prefigura a morte de Jesus, oferecido na cruz pelos pecados do mundo.

Da mesma forma, Melitão, bispo de Sardis, em sua homilia **Sobre a Páscoa** (59,69-70), provavelmente escrita entre os anos de 164-166, faz duas referências<sup>8</sup> a Isaac amarrado como prenunciando à morte de Jesus.

59. Se você deseja ver o mistério do Senhor, preste muita atenção em [...] Isaac, que de forma semelhante foi amarrado nas mãos e nos pés [...].

69. (O Senhor) é a Páscoa da nossa salvação. É Ele que pacientemente suportou muitas coisas: é Ele que foi em [...] Isaac amarrado [...]. 70 (O Senhor) que foi encarnado em uma virgem, é que foi pendurado em uma árvore.

Também no **Fragmento** 9-10, Melitão aponta alguns paralelos entre Isaac e Jesus: ambos carregaram madeira, além de serem levados pelos seus pais. Contudo, o referido bispo observa que Isaac foi libertado, mas Jesus morreu.

VI. Ao passarmos da documentação literária para imagética, verifica-se um importante conjunto de imagens associado ao sacrifício de Isaac a partir do período imperial romano (Chevitarese e Cornelli, no prelo).

Gostaríamos de destacar uma (Bonner, 1950, plate XIX, figure 345)<sup>9</sup>, em particular, situada temporalmente no período imperial romano, entre os séculos II e

---

<sup>7</sup> Koester (1987: 276-277) mostra que os argumentos comumente utilizados para se datar a Epístola de Barnabé nos trinta do século II não são conclusivos. Assim, ele opta por situá-la no século II, sem, no entanto, propor nenhuma data precisa.

<sup>8</sup> <http://www.cogwriter.com/melitothomily.htm>

<sup>9</sup> Descrição da Imagem: Carnelian Oval. Abraão, imberbe, em pé, cabeça voltada para a esquerda, vestindo túnica e manto, segura uma pesada faca sacrificial sobre sua cabeça. Com a outra mão, ele toca a cabeça de Isaac, que está ajoelhado, com o rosto levemente inclinado para o altar. Atrás de Abraão, um anjo, de quem somente cabeça, braços e uma asa são mostrados. Ele segura a faca que está levantada com sua mão esquerda, enquanto que, a sua mão direita aponta para baixo, para uma ovelha, que está em pé, voltada para a direita, presa junto a uma árvore. Sobre esta cena, de cabeça para baixo, dois servos de Abraão, um deles segura um jumento pelo cabresto.

IV EC<sup>10</sup>. Ela traz alguns interessantes elementos que valem a pena serem discutidos aqui.

**Imagem 1**



Buscar-se-á, de imediato, estabelecer uma comparação (ver Quadro I) entre as narrativas de Gênesis e da Imagem 1.

**Quadro I:** Comparação entre as Narrativas de Gênesis e da Imagem 1

<b>Gn 22:1-19</b>	<b>Imagem 1</b>
Abraão com Barba	<b>Abraão Imberbe</b>
Isaac como Menino	<b>Isaac como Adulto</b>
Dois Servos	Dois Servos
Jumento	Jumento
Abraão tem na mão o cutelo	Abraão tem na mão uma espada
<b>Abraão porta o fogo</b>	—
<b>Isaac carrega a lenha cortada</b>	—
—	<b>Isaac ajoelha-se na lenha cortada</b>
Altar	Altar

<sup>10</sup> Robert (1981: 5) oferece uma datação ligeiramente mais alta para estes amuletos, isto é, ele os situa entre os séculos III e VI EC.

Isaac é amarrado	<b>Isaac não está amarrado</b>
Isaac é colocado junto ao altar	<b>Isaac está ajoelhado no altar</b>
Anjo chama Abraão	<b>Anjo Alado</b>
—	<b>Abraão não olha para trás</b>
—	<b>Anjo segura a espada de Abraão</b>
Abraão não sacrifica Isaac	Abraão não sacrifica Isaac
Carneiro	Carneiro
Árvore	Árvore
—	<b>A mão de Deus</b>

A comparação entre estas duas narrativas permite identificar alguns *insights* diferentes:

I. Quando se toma a narrativa de **Gn** em relação à Imagem 1, constata-se dois itens ausentes no material imagético.

- (a) Abraão leva o fogo.
- (b) Isaac carrega a lenha cortada.

II. Quando a leitura é feita da Imagem 1 para o livro de **Gn**, seis itens estão ausentes nesta última narrativa:

- (a) Com relação a Abraão, ele é representado como imberbe;
- (b) Com relação a Isaac, três aspectos se destacam: (i) ele é apresentado como um homem adulto; (ii) ele não está amarrado; (iii) ele está ajoelhado;
- (c) o anjo está alado;
- (d) este ser angélico segura a espada que está na mão de Abraão;
- (e) Abraão não olha para trás;
- (f) a mão de Deus irrompe do céu.

Com relação à narrativa imagética, verifica-se um intenso diálogo com aqueles três argumentos apontados no início do trabalho, implica dizer:

1º. Não há como negar que o artesão conhece a narrativa de **Gn**.

2º. Torna-se bastante clara a sua intenção em historicizar o referido sacrifício. Esta historicização não deve ser atribuída como sendo única e exclusivamente uma criação sua, na medida em que (a) ele pode ter recebido os pormenores da narrativa bíblica do cliente, de modo que ele pudesse realizar a encomenda; ou (b) ele pertencia a uma comunidade judaica e / ou cristã, já conhecendo, portanto, a história do sacrifício de Isaac. Qualquer uma das duas possibilidades resulta de um diálogo entre o artesão e o cliente, caso ele não fosse

judeu e / ou cristão ou ainda entre o artesão e o cliente, ambos inseridos em uma comunidade que compartilha de uma herança religiosa comum;

3º. Que essa historicização é, na verdade, a própria atualização do seu tempo presente.

Sobre este último aspecto, convém destacar: (a) o fato de Abraão ser representado como imberbe é significativo aqui, na medida em que, como signo, ausência e / ou presença de barba caracteriza um marco temporal na vida de um indivíduo. Esta ausência cria um hiato na forma de defini-lo, de forma absoluta, como um homem maduro, que já havia alcançado a velhice. Não deixa de ser curioso que na série batida no império romano, esta ausência é um traço constante na forma de representá-lo<sup>11</sup>. Este dado contraria abertamente a narrativa de **Gn** (21:5), já que o referido passo diz que Abraão era um homem centenário; (b) os três aspectos associados à figura de Isaac também reforçam uma historicização da exegese (i) na medida em que ele é apresentado como um homem (que como Abraão, ele também é imberbe). Como foi assinalado, esta leitura é típica dos autores judeus a partir do século I EC, na medida em que ele estava ciente e de acordo com tudo o que estava lhe acontecendo, ou porque, como informa Josefo, ele tinha vinte e cinco anos de idade. Inegavelmente, o artesão trabalhou aqui com um dado advindo da cultura popular judaica; (c) Isaac não está amarrado no altar, mas ajoelhado sobre as lenhas levadas para o seu holocausto. Este dado reforça a sua prerrogativa de querer estar ali por livre e espontânea vontade; e (d) o contexto narrativo da imagem faz com que Isaac aceite voluntariamente uma oferta perfeita a Deus, tal como um mártir.

Outros quatro itens presentes na imagem 1, os quais eu definiria como traços secundários aos itens apontados acima, o que não quer dizer que eles não tenham importância, seguem a lógica da historicização da exegese, tornando-a atual para o artesão / cliente da imagem 1: (a) o anjo está alado; (b) tudo indica que ele não chama Abraão, já que este último não olha para trás; (c) porque não o chama, o anjo é forçado a segurar a espada que está na mão de Abraão; e (d) como desenvolvimento de uma narrativa imagética não representada, seja pelo gesto de impedir que Abraão desfira o golpe contra o seu filho, seja por que irrompe do céu a mão de Deus, um elemento sempre presente neste tipo de esquema imagético, Abraão será forçado a olhar para trás. Tal pressuposto pode

---

<sup>11</sup> Conforme observaram Bonner (1950: 226) e Robert (1981: 14-15), a temática relacionada ao sacrifício de Isaac aparece em diferentes tipos de suportes materiais, desde afrescos e mosaicos em sinagogas (Dura-Europos e Beth Alpha), passando por vasos, lamparinas e placas de terracota, até gemas e amuletos judeus, judaizantes e cristãos. Com relação à cultura material, Robert (1981: 16) chega mesmo a “profetizar”: a descoberta de amuletos do tipo sacrifício de Isaac continuará crescendo, conforme as escavações continuarem avançando.

ser admitido, já que está presa, junto à árvore, uma ovelha. Ela deverá tomar o lugar de Isaac que, a julgar pela sua atitude decidida na imagem, deixará a contragosto o seu lugar, cedendo-o para o carneiro.

VII. A leitura iconográfica revela que a estruturação das narrativas do sacrifício de Isaac depende mais de tradições judaicas tardias, do que propriamente daquela contida em **Gn**. O sacrifício é representado como uma oferenda do próprio Isaac, entendida aqui como um ato livre e espontâneo – uma perspectiva similar àquela encontrada nas narrativas de martírios. Este enfoque foi visto, por exemplo, em Josefo e na representação de Isaac adulto do amuleto analisado.

Esta observação joga uma luz especial sobre a utilização da narrativa do sacrifício de Isaac no interior da literatura antiga cristã. A referência a Isaac – não aquele contido na Torá, mas o das tradições judaicas tardias – deve ter permitido sua associação com o sacrifício de Jesus. Não há como passar despercebida a comparação entre os dois: ambos carregam madeira ao longo de caminhos que vão culminar nos seus respectivos sacrifícios. Convém assinalar, porém, que este elemento imagético não foi explorado na literatura evangélica. Talvez por ele ser incômodo, especialmente para os escribas cristãos, leitores da Torá. De fato, se é verdade que as tradições tardias alimentam uma comparação entre Isaac e Jesus, ambos cientes e desejosos da entrega da própria vida, a narrativa de **Gn** 22 sugeriria, ao contrário, uma leitura teológica menos perigosa para a teologia do sacrifício: nesta última, Deus não quis que o sacrifício se concretizasse, enquanto que na primeira, Ele permitiu a sua consumação.

No fundo, as diversas representações da narrativa de **Gn** 22:1-19, até sua reedição cristã, colocam em pauta um “fragmento” de uma antiga história relacionada à própria experiência religiosa, na medida em que ela está baseada (a) em sacrifícios, (b) em relações parentais interrompidas e reafirmadas e (c) na discussão de uma nova moral religiosa (e alimentar, no caso do sacrifício de animais) que quer prescindir do sacrifício. Não mais necessitar do sacrifício parece ser a estratégia de **Gn** 22; revisitá-lo, em chave religiosa e espiritual individual, parece ser o foco das tradições populares, tanto escritas como iconográficas. E no meio destas releituras, o sacrifício de Jesus, o novo Isaac, reaparece nas antigas tradições cristãs, como “obra aberta”, como possibilidade de pensar (i) Deus, (ii) o homem, (iii) a moral, (iv) a religião; ou ainda como possibilidade de (i) negar o sacrifício, (ii) afirmar a entrega, (iii) pensar a articulação entre o destino e a vontade de homens e Deus. Com a costumeira diversidade de abordagens que caracteriza o cristianismo nas suas origens.

Bibliografia

- ANDERSON, H. 4 Maccabees, in: CHARLESWORTH, J. H. **The Old Testament – Pseudepigrapha**. New York: Doubleday, 1985, volume 2, pp. 531-543.
- BONNER, C. **Studies in Magical Amulets (Chiefly Graeco-Egyptian)**. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1950.
- BROWN, R. E. **The Death of Messiah. From Gethsemane to the Grave. A Commentary on the Passion Narratives in the Four Gospels**. New York: Doubleday, 1994, volume II.
- CHEVITARESE, A. L. E CORNELLI, G. Tradição, Memória e Religião Popular. O Sacrificio de Isaac e os seus Diferentes Contextos Narrativos, in: FUNARI, P. P. A. e NOGUEIRA, P. A. S. (Orgs.) **Identidades Fluídas no Judaísmo** (no prelo).
- CROSSAN, J. D. **Quem Matou Jesus? As Raízes do Anti-Semitismo na História Evangélica da Morte de Jesus**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- JAMES, M. R. **The Biblical Antiquities of Philo**. New York: The Macmillan, 1917.
- JOSEPHUS **Jewish Antiquities**. London: Havard University Press, 1991, vol. IV (Books I-IV).
- KOESTER, H. **History and Literature of Early Christianity**. New York: Walter de Gruyter, 1987, volume 2.
- MEIER, J. P. **Um Judeu Marginal. Repensando O Jesus Histórico**. Rio de Janeiro: Imago, 1992, livro I, volume1.
- METZGER, B. M. **The Apocrypha of Old Testament**. New York: Oxford University Press, 1977.
- ROBERT, L. Amulettes Grecques, in: **Journal des Savants** 1981, 1 (janviers – mars) 3-44.